

DOM CASMURRO: UMA PROPOSTA DE ELABORAÇÃO E DEFESA DE ARGUMENTOS ESCRITOS E ORAIS A PARTIR DE UM JÚRI SIMULADO.

Anderson Gadelman Fagundes Barreto Silva¹
Anna Paula Aires de Souza²
Paula Adriana Casé Santos³

INTRODUÇÃO

A dificuldade dos alunos que chegam ao Ensino Médio em se interessar pela leitura e, a partir dela, extrair informações, construir pensamentos, tecer críticas, argumentar não é novidade para os professores que atuam nessa fase de ensino. O uso constante e descontrolado do celular, a falta de motivação para os estudos, as condições precárias das redes públicas de ensino, vários são os fatores que podem influenciar no aumento da dimensão dessa problemática, entretanto, conhecidas as razões, é necessário buscar soluções para esse entrave. Uma das soluções é a associação do texto literário à prática, trazendo para a atualidade as discussões postas em clássicos como, por exemplo, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Nesse sentido, o júri simulado, apesar de não ser uma estratégia nova, é um caminho para lidar com essas questões e despertar nos estudantes o interesse pela leitura e as habilidades dela oriundas. Considerando que a estratégia de júri simulado se encontra na dimensão do aprender na relação estabelecida com os outros bem como com o objeto de conhecimento, como salienta Piaget (1993). Nesse sentido, para Anastasiou e Alves (2005, p.93) “[...] a estratégia de um júri simulado leva em consideração a possibilidade de realização de inúmeras operações de pensamento, como: defesa de ideias, argumentação, julgamento, tomada de decisão, etc”. Ainda com base nos autores, se acrescentam operações como desenvolvimento das capacidades interpretativas, imaginativas, críticas, de comparação, levantamento de hipóteses e decisão, por exemplo.

¹ Especialista do Curso de Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa da FAMASUL/Palmares – PE, gadelman1403@gmail.com;

² Mestra pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, paulaaires1@gmail.com;

³ Especialista em Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Pernambuco- PE, paulacasesantos@gmail.com.

Diante do apresentado, o júri simulado se apresenta enquanto estratégia no contexto de ensino de Língua Portuguesa, com o intuito de, primeiramente, incentivar o hábito e, conseqüentemente, o gosto pela leitura; mas também de ofertar as habilidades e as competências necessárias, para um uso eficiente da língua vernácula em seus aspectos escritos e orais, além de criar estratégias para elaboração de textos argumentativos, exercitando a capacidade de elaboração e defesa de argumentos, observação e raciocínio crítico, estimulando-os a exercer a cidadania, conferida a todos em sua plenitude. É importante destacar o uso de uma obra (no caso, a de Machado de Assis) brasileira, considerando o contexto vivenciado pelos discentes que traga em suas discussões a divergência de opiniões no entendimento no transcorrer de suas páginas ou em seu desfecho. Além disso, é relevante aproximar ao máximo a simulação do júri a um real, fazendo com que os alunos se acerquem da experiência e sintam-se motivados a atuar e defender seus argumentos de maneira sólida.

Para tanto, o objetivo geral que norteia esse trabalho é estimular, através da realização do júri simulado, a leitura e a capacidade de elaboração e defesa de argumentos escritos e orais, a partir da análise e discussão da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Por sua vez, os objetivos específicos são: ler e analisar a obra *Dom Casmurro* a partir de uma perspectiva crítico-argumentativa; criar situações argumentativas que colaborem para produção de textos argumentativos, como: redação dissertativa argumentativa, artigo de opinião, editorial, carta de solicitação, carta de reclamação etc.; estimular o raciocínio lógico e coerente dos alunos no âmbito da oralidade; exercitar a capacidade de leitura e observação analítica de textos orais e escritos; garantir a defesa de opiniões diferentes por meio de argumentos, fortalecendo e exercendo o conceito de cidadania.

Diante do apresentado, nossa pesquisa traça os caminhos metodológicos como sugestão para sala de aula, acompanhados de uma reflexão acerca da importância da leitura de clássicos para discutir temas contemporâneos, bem como do júri simulado para o desenvolvimento das habilidades de interpretação, compreensão e argumentação tanto oral quanto escrita.

PROPOSTA DIDÁTICA

Para atingir os objetivos acima citados, a metodologia baseia-se em duas frentes: a leitura da obra, a partir de sequência didática (Cosson, 2009); e o desenvolvimento da

argumentação, a partir do júri simulado. A primeira parte abaixo descrita em uma breve sequência com motivação, introdução, leitura e discussões; a segunda, através de um roteiro pré-organizado para o júri.

No que se refere a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, se sugere que o professor comece a motivação com uma música, “Capitu” de Luiz Tatit e, com base nela, desenvolva conexões com o texto machadiano. Posterior ao momento de deleite da canção com os estudantes, o docente deve questionar os alunos acerca do olhar e do que ele diz, utilizando como objeto a frase “...olhos de cigana oblíqua e dissimulada (...) olhos de ressaca, vá de resseca...”, do próprio autor ao referir-se à Capitu. “O que nossos olhos dizem?”. Os alunos devem montar uma exposição de desenhos ou fotográfica sobre esses olhares.

A introdução deve ser trabalhada através da história de Machado enquanto escritor bem como a análise de capas pré-selecionadas do romance e nuvem de palavras acerca dos conhecimentos prévios dos alunos em relação à narrativa. Para a leitura, ela deve ser realizada em casa e discutida em sala de aula, a partir dos cartões de função propostos pelo autor Rildo Cosson (2014). Após as leituras e discussões, sorteia-se as os representantes do júri, que será, justamente, a fase de interpretação, proposta na sequência didática básica.

O roteiro do júri simulado objetiva debater o tema, instigando os participantes a posicionar-se através da argumentação; exercitar a expressão oral e o raciocínio lógico-argumentativo; amadurecer o senso crítico. Os participantes são o juiz, cuja função é dirigir e coordenar as intervenções como também o andamento do júri; os jurados que, por sua vez, ouvirão todo o processo e ao fim das exposições, declararão se a defesa ou a promotoria estão corretos, estabelecendo a pena, idenização ou absolvição a se cumprir; os advogados de defesa, eles devem defender o réu (ou o assunto) e também respondem às acusações proferidas pelos promotores; os promotores (advogados de acusação), tem por função acusar o réu (ou o assunto) com o intuito de levá-lo a condenação; as testemunhas, que falam a favor ou contra o acusado, colocando em evidências as contradições ou convergências e argumentando junto com promotores ou advogados de defesa; o réu é o acusado, cujo ato supostamente infartório é o objeto de discussão do júri. Há júris que podem não existir a figura do réu, tendo foco a defesa ou acusação de um assunto específico; o escrivão, responsável pela escrita de tudo que é falado no decorrer do júri e o oficial de justiça, cujas responsabilidades são conduzir a entrada do juiz ou

juíza na tribuna e chamar todos aqueles que irão depor bem como nortear o juramento que elas farão.

A organização da simulação do júri deve ocorrer em duas etapas. A primeira seguindo as diretrizes abaixo:

- Juiz abre a sessão e lê o seguinte texto em, no máximo, 5 minutos:
- Advogado de acusação (promotor) acusa o réu ou ré em, no máximo, 5 minutos.
- Advogado de defesa defende o réu ou a ré em, no máximo, 5 minutos.
- Juiz solicita à promotoria (acusação) que chamem as testemunhas para darem os depoimentos.
- Advogado de acusação toma a palavra e continua a acusação, além de chamar suas testemunhas. Esse momento deve ocorrer em até 10 minutos. Para todas as testemunhas, deve ocorrer o mesmo ritual: O Oficial de Justiça vai até a testemunha e a leva até a cadeira que estará no centro da sala solicitando que ela tenha a postura solicitada e faça o seguinte questionamento: “Levante a mão esquerda. Jura dizer a verdade, somente a verdade e nada mais que a verdade?”. A testemunha deverá responder “Eu juro”.
- Advogados de defesa e de acusação podem chamar as testemunhas de seus oponentes para serem ouvidas, sendo assim, o promotor/acusação chama as de defesa e o advogado de defesa chama as de acusação, somando até dez minutos.

A segunda fase, articula-se, a partir dos seguintes passos:

- O juiz reabre a sessão solicitando à promotoria e ao advogado de defesa que façam suas considerações finais, ambos com até 10 minutos de arguição.
- Os jurados analisam e dão a sentença junto com o juiz (dez minutos para cada parte)

Na percepção de Anastasiou e Alves (2005), a dinâmica acima permite, mesmo que com algo de dramaturgia, tornar a leitura, os conteúdos escolares e a própria atividade mais interessantes para aqueles que dela participam. Logo, ao avaliar, o professor deve ponderar aspectos como a apresentação concisa, a clareza e a lógica de ideias, o

aprofundamento dos conhecimentos bem como a construção e organização da argumentação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A leitura das narrativas clássicas desempenha um papel relevante na formação de indivíduos críticos, reflexivos. Para a autora Regina Zilberman (2005), a literatura clássica é uma fonte de riqueza acerca de temas universais que, por sua vez favorecem a construção de um pensamento crítico, permitindo que os leitores dialoguem com contextos sociais, políticos e históricos diversos. Nesse sentido, os livros clássicos, como é o caso de *Dom Casmurro*, contribuem enriquecendo vocabulários, capacidades de compreensão e interpretação, mas também colocam o leitor em uma posição confronto com questões complexas da condição humana que o impulsionam a refletir, opinar, defender pontos de vista, discordar etc.

Já na concepção de Ítalo Calvino (2009, p.11), “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). Diante do apresentado, utilizar e refletir sobre eles em sala de aula provoca discussões contemporâneas. Esse é o objetivo ao trazer Machado de Assis para o chão da escola. Machado, apesar de um autor clássico, discute em suas obras temas hodiernos, como argumenta Figueiredo (1997, p.86):

[...] permite perceber a eleição do texto machadiano com a imagem de uma época bem definida e como signo de atualidade. Atualidade que se confirma no registro contemporâneo da queda das barreiras que aprisionavam o texto, o autor e, em maior escala, o leitor, em esferas muito compartimentalizadas do processo narrativo. Principalmente o último que, na maior parte das vezes, via-se excluído da cadeia comunicativa [...].

A atitude de Machado, mediante a apresentação crítica das contradições de suas personagens e de seu tempo, constitui o ponto de partida para acolher a operação, distinta daquela codificada por ele. De sua ficção, da tradição dos oitocentos, surgem possibilidades de renovação que absorvem o passado na linguagem e na problemática da atualidade.

Nesse sentido, trazer o autor para o chão da escola através do júri simulado, possibilita ao aluno acesso à leitura, discussões crítico-sociais e a construção de

argumentos em defesa de seu ponto de vista, mas, sem deixar para trás, a narrativa de *Dom Casmurro*.

A narrativa eleita para o júri simulado, *Dom Casmurro*, foi publicada inicialmente em 1900 e, apesar da passagem do tempo, ela é imortalizada como um dos clássicos da literatura brasileiro, por sua universalização de temas que ainda provocam discussões como a ambiguidade do enredo, a linguagem próxima ao leitor, os conflitos humanos etc. A narrativa de Machado é rica em ambiguidades e complexidades emocionais que ainda perduram no imaginário dos leitores, especialmente no que se refere ao suposto adultério cometido por Capitu. A narrativa, construída a partir do olhar de Bentinho, demonstra um olhar de insegurança frente a sua esposa e as dúvidas sobre a fidelidade de seu casamento que moldam a trama e revelam as fragilidades humanas.

Antônio Candido (1995) defende que a literatura revela as complexidades do ser humano, destacando a capacidade da obra sobre questionar as verdades tidas como absolutas. No caso do texto machadiano, a obsessão de Bentinho por Capitu é o motor que impulsiona a história, entretanto a interpretação dos fatos pelo narrador pode ser questionada por sua própria psicologia, considerando que ele conta suas memórias atrelando-as a justificativas para suas inseguranças, utilizando elementos subjetivos que levam o leitor a questionar a veracidade sobre o que é contado.

Outro aspecto observado por Zilberman (2005) é que a diegese provoca uma reflexão acerca da construção da verdade ao sugerir que a realidade pode ser distorcida pela percepção individual. O trecho que descreve os olhos de Capitu “[...] olhos de cigana oblíqua e dissimulada [...] olhos de ressaca, vá de resseca”, simboliza essa dualidade, considerando que despertam tanto o amor quanto a desconfiança de Bentinho que, por sua vez, nunca consegue, de fato, provar a traição, levando a questionamentos sobre a validade das acusações que faz e o impacto das dúvidas em sua vida e em seu casamento.

Diante do apresentado, a proposta didática do júri simulado, ao trazer Bentinho e Capitu para o centro do júri, oferecem um ambiente propício para que os alunos desenvolvam sua leitura crítica e argumentativa, ao assumir os papéis de advogados de defesa e acusação, jurados, juiz, promotor, argumentando a favor ou contra a protagonista. A atividade permite que os estudantes explorem inúmeras camadas do texto, debatendo se houve ou não adultério ou se Bentinho é apenas um homem inseguro.

No júri simulado, os alunos serão estimulados a examinar as evidências apresentadas pela acusação, mas também considerar as subjetividades da verdade e como as influências emocionais influenciam a percepção e os julgamentos. Em síntese, *Dom*

Casmurro é mais do que uma narrativa sobre relações humanas de ciúmes, dúvidas e traição, mas, sobretudo, um convite a refletir sobre o que é verdade e como ela é moldada pela percepção subjetiva individual. Por meio do júri, os estudantes têm o poder de transformar a obra em um ambiente de debate de forma dinâmica e envolvente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura da obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis, mesmo diante da passagem do tempo, continua a abordar temas que dialogam com as experiências contemporâneas e provocam reflexões sobre amor, traição, subjetividade, verdade, questões pertinentes em tempos de desinformação e polarização. Candido (1995) salienta que a leitura literária é um meio de compreensão da complexidade humana. Nesse sentido, *Dom Casmurro* é um campo rico para essas discussões.

Somada a leitura do clássico, o júri simulado dentro das aulas de literatura atua como valiosa ferramenta pedagógica que estimula o desenvolvimento das habilidades críticas e argumentativas dos discentes, enriquecendo a interpretação da obra e, simultaneamente, preparando-os para participação em debates construtivos, respeitosos; para o desenvolvimento da criticidade e da argumentação e, para mais tarde, a melhoria da escrita de redação dissertativa argumentativa, por exemplo. O estímulo à análise crítica associado aos temas presentes na obra, contribuem para o crescimento desses alunos também enquanto cidadãos mais conscientes e participativos.

Desse modo, a união entre a leitura machadiana e a prática do júri fortalece a formação leitora dos estudantes, capacita-os para refletir, discutir e enfrentar os desafios éticos e sociais do mundo contemporâneo, promovendo uma educação que valoriza a reflexão crítica e o diálogo.

Palavras-chave: Dom Casmurro; Machado de Assis, Júri Simulado, Argumentação, Leitura literária.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que fazem a Escola de Referência em Ensino Médio Arnaldo Assunção, em Caruaru/Pernambuco.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. (Orgs.). Estratégias de ensinagem. In: *Processos de ensinagem na Universidade*. Pressupostos para estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100.

ASSIS, M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009

COSSON, R. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

FIGUEIREDO, M.C.L. A presença de Machado de Assis na contemporânea literatura brasileira. *Scripta*, Belo Horizonte, v.1.; n.1, p.84-90, 1997

PIAGET, J. *A Linguagem e o Pensamento da Criança*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.